

O PATRIARCADO DO SALÁRIO – NOTAS SOBRE MARX, GÊNERO E FEMINISMO
[SILVIA FEDERICI]

DOI: <http://doi.org/10.9771/gmed.v14i3.51563>

Lilean Cury de Rezende Bastos¹

Título: **O patriarcado do salário** – notas sobre Marx, gênero e feminismo

Autora: Silvia Federici

Tradução: Heci Regina Candiani

Cidade e editora: São Paulo, Boitempo

Ano da publicação: 2021

Páginas: 205

O trabalho doméstico é muito mais do que a limpeza de casa (...). É cuidar das nossas crianças – futuras mãos de obra – e garantir que elas atuem da maneira que o capitalismo esperem delas. Isso significa que por trás de cada fábrica, cada escola, cada escritório ou mina existe o trabalho oculto de milhões de mulheres (FEDERICI, 2021, p. 29).

Pilar do capitalismo e essencial para a estruturação econômica do mundo ocidental, o trabalho doméstico teve sua importância apagada, essencialmente por ser uma tarefa feminina e sem remuneração. A opinião é da filósofa, professora e feminista italiana Silvia Federici, exposta no livro **O patriarcado do salário – notas sobre Marx, gênero e feminismo**, publicado em 2021, pela Editora Boitempo. A tradução é de Heci Regina Candiani. Para a autora, feminismo e marxismo são assuntos em voga mais do que nunca, uma vez que “o aprofundamento da crise econômica global fez ressurgir o interesse na obra de Marx, o que muitas pessoas não poderiam ter antecipado nos anos 1990” (FEDERICI, 2021, p.92).

São oito artigos independentes, todos assinados por Federici, produzidos entre 1970 e 2018. Como desenhos feitos em papel vegetal justapostos, as opiniões e informações ora se complementam, ora se sobrepõe ao longo das 205 páginas. Sem cansar a leitora ou o leitor, contudo, a autora apresenta uma narrativa didática que remonta à criação da figura da dona de casa proletária, após a Revolução Industrial, e confronta as lacunas sobre o tema, deixadas por Karl Marx, que tanto falou sobre a relação entre sociedade, máquinas e economia. Tal omissão teria influenciado a demora dos movimentos de esquerda em abraçar a luta por encarar o labor no âmbito doméstico como atividade produtiva.

É justamente para abordar esse aspecto que Federici abre a coletânea, com “Planejamento contraestratégico na cozinha” (2021, p. 23-45), escrito em 1975. O artigo apresenta o movimento

feminista *Wages for housework*, nascido em Pádua, na Itália, três anos antes da publicação original do texto. A iniciativa, que defendia atribuição financeira ao trabalho do lar, foi liderada por Federici e outras pensadoras feministas – bastante citadas ao longo do livro – Mariarosa Dalla Costa, Selma James e Brigitte Galtier.

A escolha do texto para iniciar a série de artigos não teve, meramente, caráter temporal. Nesse primeiro tópico de cerca de 20 páginas, está a força motriz do livro, que continua viva e atual mais de 40 anos após a publicação. Mulheres que trabalham fora enfrentam uma jornada dupla, ao acumularem o cuidado de suas casas e famílias com a rotina regular de escritórios e fábricas, enquanto aquelas que se dedicam, exclusivamente, aos lares são vistas como improdutivas.

Assim, Federici chama atenção para o que vai costurar no restante da obra: o trabalho oculto doméstico, mistificado como uma atividade maternal e feminina, na verdade, sustenta a economia capitalista, sem o devido reconhecimento. Dessa forma, a autora adentra num universo que ela censura ter sido negligenciado por muitos estudiosos marxistas e procura entender por quais motivos o autor de **O capital** se esquivou de enfrentar questões como gênero e prostituição, “embora tenha denunciado as desigualdades e o controle patriarcal sobre a vida das mulheres, especialmente na família burguesa” (FEDERICI, 2021, p.61).

Em todo o conjunto, Federici não deixa de reconhecer Marx como um vanguardista, cujo método materialista histórico ajudou a desconstruir hierarquias para demonstrar que a natureza humana é fruto de uma ação social. A filósofa, inclusive, atribui ao alemão a criação de ferramentas para pensar na exploração à qual mulheres são submetidas, o que propiciou “uma significativa contribuição para o desenvolvimento da teoria feminista” (FEDERICI, p.62, 2021). Assim, a autora admite que tratar sobre gênero em Marx é “reconciliar dois pontos de vista sobre o tema” (FEDERICI, 2021, p. 63), uma vez que apesar das lacunas apontadas em **O patriarcado do salário**, as teorias marxistas sobre exploração capitalista serviram de pilar para análise do trabalho das mulheres e da organização da reprodução em uma perspectiva anticapitalista e de classe.

No posfácio de **O capital**, Marx faz uma crítica à dialética de Hegel, que estaria de cabeça para baixo. “É necessário pô-la de cabeça para cima, a fim de descobrir a substância racional dentro do invólucro místico.” (MARX, 1968, p.17). Num jogo de palavras, Federici sugere fazer o mesmo, desta vez com o próprio Marx: girá-lo de ponta-cabeça “e começar a luta a partir da fábrica social que ele excluiu da obra” (FEDERICI, 2021, p.82).

Nascido em 1818 e falecido em 1883, Karl Marx testemunhou a Revolução Industrial, o que, possivelmente, incutiu-lhe um pensamento romântico de que as máquinas salvariam o futuro da humanidade. Federici não cita em seu livro, mas a Europa, poucos anos após a morte do economista e filósofo alemão, mergulhou nessa atmosfera de endeuamento da maquinaria – o que pode ser visto nos movimentos artísticos *Art Nouveau* e Futurista (ECO, 2017).

Visionário, Marx foi fascinado pela gênese da modernidade e anteviu mudanças, mas errou em seus prognósticos em diversos pontos apresentados ao longo da obra de Federici (2021). Como

Engels, ele ansiava por um mundo pós-capitalista, no qual homens e mulheres conquistariam igualdade. A industrialização possibilitaria, ainda, a entrada de mulheres na “produção social” (FEDERICI, 2021, p. 78).

Esse trabalho industrial é colocado num patamar especial na obra de Marx, como Federici explana e critica. Sob o controle da classe trabalhadora, as máquinas reduziriam o tempo da labuta e sobriaria energia para dedicar-se às satisfações superiores, como literatura, artes e ocupações científicas, “bem distantes das tarefas do trabalho doméstico” (FEDERICI, 2021, p. 77).

Entretanto, Federici apresenta um grande equívoco da previsão de Marx, pois a reforma da indústria acabou realocando as mulheres no lar (2021, p. 79, 104 e 128), como manobra para criar uma força de trabalho mais disciplinada, útil e produtiva, com o público feminino cuidando das crianças e, assim, evitando, também, mortes e acidentes. A mudança tecnológica do têxtil para o aço forjou uma mão de obra, majoritariamente, masculina. Criou-se a dona de casa proletária, fenômeno acelerado pelo fordismo, num novo regime patriarcal, dependente do salário dos maridos (FEDERICI, 2021, p.80).

Marx acreditava que as máquinas ajudariam as pessoas a terem mais tempo. Ironicamente, o alemão anteviu um dos suprassumos do capitalismo estadunidense, como a rede de lojas *Best Buy*. Nas prateleiras da gigante varejista, uma infinidade absurda de produtos que prometem facilitar o desempenho das tarefas domésticas, que vão além dos aspiradores robôs a outros eletrodomésticos que a imaginação ordinária não deu conta de criar a necessidade. Por trás do marketing de diminuir o trabalho doméstico, os produtos suplantam necessidades de consumo, até então inexistentes, que demandam mais horas de trabalho para conseguir comprá-las. Por mais distópico que seja um futuro no qual máquinas possam limpar e ajudar na cozinha, ainda seria necessário tempo humano para cuidar das crianças e idosos. Federici (2021, p. 112) aponta que a máquina não tem o poder de substituir o afeto e a atenção – ainda tão relegados às mulheres, no núcleo familiar.

Assim, a autora sublinha que Marx trabalhava com uma imagem genérica de trabalhador, branco e assalariado, em detrimento de um universo mais amplo de sujeitos (2021, p. 139). O sonho marxista seria, portanto, uma “utopia masculina” (2021, p.178). Nesse ponto, Federici coincide com o pensamento da filósofa e bióloga estadunidense Donna Haraway (1995, p. 24), que põe em xeque a historiografia e o cientificismo construídos com o protagonismo do homem branco: “precisamos também buscar a perspectiva daqueles pontos de vista, que nunca podem ser conhecidos de antemão, que prometam alguma coisa extraordinária, isto é, conhecimento potente para a construção de mundos menos organizados por eixos de dominação”.

Essa falta de pluralidade nas obras de Marx refluí também em questões além do gênero, como uma visão colonizadora dos espaços urbanos e da natureza. Para fechar a coletânea, o último capítulo trata de ecologia nas obras do alemão, considerando suas contradições a respeito do assunto. Ao mesmo tempo em que Marx fez uma denúncia “impressionantemente profética das práticas atrozés” (FEDERICI, 2021, p.175) da indústria da carne, ele escreveu sobre a importância do capitalismo como fase necessária para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa.

Apesar de não citar expressamente, fica clara nas entrelinhas de Federici a referência ao antropoceno, conceito que designa o impacto dos seres humanos na terra, quando discorre sobre os problemas globais da natureza em conjunção com o desenvolvimento temporal da humanidade. Jason W. Moore (2022) fala com maestria sobre o mesmo objeto, ao qual se refere como a era do capitaloceno. Para o autor a capacidade destrutiva da sociedade seria norteadas por princípios econômicos: “Os esforços para transcender o capitalismo de maneira igualitária e amplamente sustentável serão frustrados enquanto a imaginação política radical for refém da organização e/ou da realidade capitalista Natureza/Sociedade” (MOORE, 2022, p.15-16).

Federici tece suas críticas finais ao autor de **O capital**. Ela frisa que Marx percebeu a guerra capitalista contra a natureza, “denunciou e indicou a formação de uma sociedade socialista como alternativa necessária. Assim, sua obra oferece uma base sólida para uma perspectiva ecológica” (FEDERICI, 2021, p. 176). Contudo, a autora se mostra decepcionada com a visão eurocêntrica de Marx e sua de falta de consideração com “as perdas, provavelmente, irreversíveis inerentes a tal desenvolvimento”, como a de saberes acumulados ao longo de milênios (FEDERICI, 2021, p. 177).

Moldado pelo iluminismo, Marx julgou como limitada uma vida dedicada ao cuidado do ambiente local e da produção local das lavouras (FEDERICI, 2021, p.181-182). A máxima “penso, logo existo” se torna um pressuposto para sobrepor o europeu branco urbano aos cidadãos dos demais locais. A autora endossa o conhecimento milenar das civilizações americanas pré-colombianas, em contraposição à noção de avanço da colonização europeia. Sobre a atualidade, ela ainda exalta o papel da agricultura matriarcal nas Américas:

São mulheres, sobretudo na América Latina, que hoje lideram a luta por um ambiente ecológico seguro; são elas que estão à frente de suas famílias e conhecem bem as consequências do envenenamento da terra e das águas para o futuro de suas comunidades. Em oposição ao papel hegemônico do agronegócio e das sementes estéreis da Monsanto, elas praticam a seleção de sementes e criam bancos de sementes, retomando métodos tradicionais, como o multicutivo. (FEDERICI, 2021, p.185).

Com uma ode ao pensamento decolonial, Federici encerra seu compilado. Ela frisa que o avanço dos movimentos estudantis, feministas e ambientais, bem como a crise do trabalho assalariado, forçaram grupos marxistas a olhar além da fábrica. A reprodução social, para ela (FEDERICI, 2021, p. 152), é um terreno crucial para a luta trabalhadora, que possibilita uma chave para compreender, de uma forma holística, a vida humana, envolvendo força de trabalho, bem como as hierarquias de gênero e o processo de acumulação.

A relação ser humano/máquina nunca mais seria a mesma, como Marx previu. Entretanto, o futuro edênico ficou longe de acontecer e se aproxima mais da realidade cantada pelo quarteto alemão Krafwerk, no álbum *Man-machine*, de 1978. Na canção que começa o disco, *The robots*, o grupo canta “nós estamos programados para fazer apenas qualquer coisa que você queira”², enquanto, em russo, um efeito vocal entoava “eu sou seu servo, eu sou seu trabalhador”³.

Silvia Federici nasceu em Parma, na Itália, em 1942. É ativista feminista, filósofa, escritora e docente. Em 1967, mudou-se para os Estados Unidos, onde participou da fundação do *International feminist collective*. Nos anos 1980, morou na Nigéria, onde lecionou na Universidade de Port Harcourt e ajudou a criar o *Committee for academic freedom in Africa* e acompanhou a organização feminista *Women in Nigeria*. Na década de 1990, participou do movimento antiglobalização e militou contra a pena de morte. De 1987 a 2005, ela ensinou estudos internacionais, estudos sobre mulheres e cursos de filosofia política na Universidade de Hofstra, nos Estados Unidos, onde se tornou professora emérita.

É autora de livros e ensaios sobre filosofia e teoria feminista, história, educação e cultura das mulheres e, mais recentemente, sobre a luta mundial contra a globalização capitalista e por uma reconstrução feminista dos comuns. No Brasil, teve publicados os livros **Mulheres e caça às bruxas** (2019) pela Boitempo, e **Calibã e a bruxa** (2017), **O ponto zero da revolução** (2019) e **Reencantando o mundo** (2022), pela Elefante.

Referências:

ECO, U. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2017.

FEDERICI, S. **O patriarcado do salário** – notas sobre Marx, gênero e feminismo. São Paulo: Boitempo, 2021.

HARAWAY, D. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7-41, 1995.

KRAFTWERK. **The Man Machine (2009 Remaster)**. Disponível em <<https://open.spotify.com/album/3eyz60xEK5dGEEZF1JJSi9>>. Acesso em: 11 de setembro de 2022.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política, livro 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

MOORE, W. J. **Antropoceno ou Capitaloceno?** Natureza, história e a crise do capitalismo. São Paulo: Elefante, 2022.

Notas

¹ Mestranda em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Jornalista e Especialista em Assessoria de Comunicação e Marketing pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0321474474246330>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6023-2186>. E-mail: liliancury.rb@gmail.com.

² No original, We are programmed just to do/Anything you want us to.

³ Em russo, Я твой слуга / Я твой работник (tradução: Google)

Recebido em: 20 de out. 2022

Aprovado em: 03 de nov. 2022